

O aproveitamento de textos por pág é o equivalente a quatro sonetos, por exemplo. Além dos Dados Biográficos e nome do autor.

Rafael Bán Jacobsen

Nascido em 21/05/1981, é bacharelado em Física pela UFRGS, poeta é escritor. Publicou o livro individual, "Tempos e costumes", em 1997 e venceu o Prêmio Açorianos. Pertence ao Parthenon Literário, Casa do Poeta e Grêmio C. Alves. É professor de piano "Piano & Cia.". Formou-se em inglês e publicará em breve o romance "Sombras".

Desamar

O que é o amor senão um desamar-se?
Será possível ao amor ceder
sem um pouco do amor por si perder
a ofertá-lo e com toda alma entregar-se?

O que é o amor senão belo disfarce
desse desamor que devemos ter
em essência por nosso próprio ser
para outro alguém poder enfim amar-se?

Para se amar alguém antes de si
há que um tanto de amor ceifar dali
onde pulsa em insânia o coração.

Há que se buscar no peito essa jóia
e a Vênus, como fez Páris de Tróia,
entregá-la com alma e devoção.

Outra vida

Vês, meu amor, o que me aconteceu?
Percebes como em vão passou-me a vida
sem ter ao lado a pessoa escolhida?
Vês como minh'alma aos poucos morreu?

Não posso buscar o que se perdeu
pois só faz-me o tempo desacolhida.
Estou sempre em eterna despedida
de tudo quanto o Criador me deu.

Minha velha alma faz os vendavais
que arrastam a distâncias eternas
o existir sem ser que me é conhecido.

Pois eis que a mim não há maior terror
do que viver assim sem teu amor
e de não ser quem queria ter sido.

Auras

Ó néveas e etéreas auras que ao longe
chamam
Sois vós meras ilusões de meu pensamento,
Sois da carne e da matéria desdobramento,
ou sois as misérias humanas que se inflamam?

As vozes que se perdem e, difusas, clamam
Fervem com som de metal em derretimento
Brilham alvas almas em dorido lamento,
e inefáveis tremores de meu corpo emanam.

Pela espessa neblina que asfixia,
corro até cair em profunda letargia
com mil frêmitos palpitanes e inconstantes.

Estou lá caído, só, gélido, no chão,
muito próximo da final destruição
sem, contudo, encontrar as auras tão distantes!

Catedral

Quando eu adentro o átrio da catedral,
invade-me o eu a abalienação,
a frígida e tétrica solidão
da sepultura mais vil e infernal.

Não ouço alguma voz celestial,
não sinto d'alma a glorificação,
sinto somente a mortificação
de um arrepio sobrenatural.

Esmaga-me a cruz, sufoca-me o incenso,
estremeço, apaga-se o pensamento,
queimam a carne as chamas eternas.

Então, em derradeiro e breve instante,
solto em ânsia um grito lancinante,
grito que ninguém ouvirá... jamais!